



Metáfora, integração conceptual e pandemia: a multidisciplinaridade como chave metodológica

Estefani Gumiéro Costa

UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0804-1803>

estefani-costa@hotmail.com

RESUMO

Neste ensaio, traço algumas considerações a respeito do caminho analítico e metodológico (estratégias, dificuldades, medidas de enfrentamento de impasses teóricos etc.) da pesquisa na qual venho trabalhando ao longo do doutorado em Linguística Cognitiva, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Investigo 20 obras do cartunista Ulisses Araújo, à luz dos fundamentos da Linguística Cognitiva, em especial, da teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e da Metáfora Conceptual Estendida (KÖVECSES, 2020). Para tal, parto do pressuposto de que *mescla* e *metáfora* sejam processos cognitivos subjacentes, correlacionados e fundamentais à criação de sentidos em gêneros textuais, sobretudo os multimodais, como a charge. No processo, o viés multidisciplinar advindo do somatório de fundamentos da Filosofia, Psicologia, Antropologia e Arte vem se mostrando chave para os fins da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva; Gênero Charge; Pandemia de COVID-19; Metodologia.

Metaphors, conceptual integration and the pandemic: multidisciplinary is the key

ABSTRACT

In this essay, I outline considerations regarding the analytical and methodological path (strategies, difficulties, steps taken to face theoretical challenges etc.) of my doctoral research project, currently under development at the Rio de Janeiro State University (UERJ). I investigate 20 cartoons by Ulisses Araújo in the light of Cognitive Linguistics, in particular, the theory of Conceptual Integration (FAUCONNIER; TURNER, 2002) and the Extended Conceptual Metaphor (KÖVECSES, 2020). To do so, I start from the assumption that blending and metaphor are underlying cognitive processes, correlated and fundamental to the creation of meanings in textual genres, especially multimodal ones, such as cartoons. Furthermore, I take a multidisciplinary framework in the analysis, combining disciplines such as Philosophy, Psychology, Anthropology and Art. I argue that they have been key to the purposes of this research.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics; Charge Genre; COVID-19 pandemic; Methodology.



1. Introdução

A arte é um processo irrefreável.

A sentença proferida por Rita Von Hunty¹ é, antes de tudo, prelúdio da pesquisa-objeto deste ensaio, a qual se alicerça primeiro na Arte para afiançar seus compromissos epistemológicos. Isso porque, de alguma forma, Arte e pesquisa científica caminham entrelaçadas em um processo intenso e irrefreável de constante sinergia. A primeira funcionando como combustível, a segunda, como exercício de reflexão.

Busco descrever três grandes passos entrecruzados – construídos paulatinamente e de modo diligente – que vêm delineando e possibilitando a materialização do presente estudo. O primeiro diz respeito à seleção do objeto de análise: a produção de sentidos em charges e o papel da multimodalidade no gênero. Acredito que esta primeira triagem seja, obviamente, peça pontual a toda e qualquer investigação científica.

O segundo passo diz respeito aos caminhos metodológicos multidisciplinares seguidos ao longo do processo. Isso porque cada movimento de reflexão – ao longo dos semestres, das aulas e das orientações – deu abertura a novas possibilidades de enxergar os fenômenos da significação por prismas que, até então, passavam despercebidos, e que não seriam entendidos por uma única via de acesso ou sem o fator “multi”. E, de fato, não o são.

O terceiro passo, por sua vez, diz respeito ao escopo teórico central ao qual me filiei para sustentar os pressupostos da Tese em curso – a Linguística Cognitiva e, mais especificamente, a teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e da Metáfora Conceptual Estendida (KÖVECSES, 2020).

2. Busca multidisciplinar e justificativa de pesquisa

Esta seção se destina a mapear e a descrever os primeiros intentos que instigaram um exame criterioso a respeito do objeto de pesquisa em curso. Mas como esquadrihar os fatores empíricos, isto é, as situações-limite colocadas pela realidade imediata do Brasil desde o início da pandemia do COVID-19, bem como a postura do governo liderado por Jair Messias Bolsonaro – que estão salientes nas obras de Ulisses Araújo –, sem antes conectá-los a momentos históricos outrora sucedidos e, de alguma forma, repaginados? Em outras palavras, pode-se afiançar que foram, primeiro, os fatores sócio-históricos – atrelados ao linguístico – que instigaram a pesquisa e a tornaram significativa aos corolários da Linguística Cognitiva.

2.1. Os fatos históricos

É por meio de uma analogia histórica que a pesquisa toma seus primeiros contornos. Parte-se, portanto, das palavras de Karl Marx, para sistematizar o fluxo de ideias:

¹ Rita Von Hunty é persona *drag queen* criada pelo professor Guilherme Terreri Lima Pereira.



Em alguma passagem de suas obras, Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa (MARX, 2011, p. 25).

Em *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, Karl Marx (2011) analisa a conjuntura sociopolítica da França do século XIX, em momento de mais um golpe de estado, desta vez instaurado por Carlos Luís Napoleão Bonaparte III junto à massa camponesa e ao que o próprio Marx denominou por *lumpemproletariado*² parisiense. Como uma espécie de implosão à democracia, Marx detalha como a dinâmica de classes da época e o apoio da burguesia foram peças centrais para a reiterada ascensão de mais um novo ditador, isto é, mais um Bonaparte na história da França.

Para entender como Marx examinou os fatos ocorridos à época, é preciso – antes de tudo – retomar a Antiguidade Clássica, período em que Aristóteles estabeleceu a distinção entre tragédias e farsas, de modo que a primeira consistiria em um gênero teatral de trama grandiosa, eloquente, a qual envolveria personagens heroicos, nobres, deuses, semideuses, além de grandes figuras, cujo desfecho seria invariavelmente trágico e catártico; e a segunda, consistiria em um subtipo de teatro de representações triviais, ridículas, de características cômicas, caricatas, de linguagem grosseira, escatológica e até mesmo obscena.

De fato, Marx foi cirúrgico ao metaforizar em sua obra a analogia entre tragédias e farsas considerando os acontecimentos históricos vivenciados na França do século XIX. Isso porque o autogolpe de estado que ascendeu Bonaparte III ao trono, de alguma forma tentou nostalgicamente restabelecer o antigo regime – protagonizado por seu tio, Napoleão I. Porém, os profundos retrocessos que se sucederam, posteriormente, evidenciaram que as circunstâncias históricas impediriam a retomada da Velha Ordem e fariam daquela revolução um eco, um mero episódio caricaturesco e extravagante do passado.

O que se pretende com este preâmbulo é revisitar o jogo de ideias de Marx, no entanto, reconfigurando-o ao cenário sociopolítico brasileiro em três grandes momentos: (1) revisitando os fatos análogos ao que foi o Golpe de 18 de Brumário em contexto brasileiro; (2) apresentando os protagonistas do que se denominará farsa brasileira; e (3) salientando de que maneira os fatos remodelam a tragédia e, posteriormente, a farsa, e quais intuítos interessam à pesquisa.

2.2. A farsa brasileira

Em ensaio, Bruno Cava (2017, s/p.) – por meio de uma dramatização do que seria o 18 de Brumário brasileiro – pontua que, entre junho de 2013 e agosto de 2016, a queda do governo liderado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) “disparou análises de conjuntura catastróficas, que convergiram na conclusão de que aconteceu no Brasil algum tipo de volta ao passado” – a tragédia. Para o autor, aliás, tal retrocesso foi mais amplamente intensificado quando o grupo

² De acordo com o *Dicionário do Pensamento Marxista*, o principal significado da expressão *lumpemproletariado* não está tanto na referência a qualquer grupo social específico, mas antes no fato de ela chamar a atenção para o fato de que, em condições extremas de crise e de desintegração social em uma sociedade capitalista, um grande número de pessoas pode separar-se de sua classe e vir a formar uma massa “desgovernada”, particularmente vulnerável às ideologias e aos movimentos reacionários.

político em declínio “reciclou” o golpe de Estado de 1964, para descrever o *impeachment* sofrido pela Presidente da República em gestão, Dilma Rousseff, e a antagônica ascensão de seu vice, Michel Temer, à presidência.

Outro ponto que aqui interessa centra-se nos episódios e nas figuras que se alçaram com o levante de 2013. Segundo Silva Júnior e Mello Neto (2022, p. 9), durante o período que culminou no *impeachment* de Dilma Rousseff, no ano de 2016, muitas manifestações passaram a se organizar em torno de pautas conservadoras e “politicamente identificadas à direita”. Parte da população, ligada à platônica defesa histórica da proteção patriarcal, conservadora – em termos morais, liberais e totalitários –, cujos valores fundamentais centravam-se em princípios ultranacionalistas e reacionários, impulsionaram figuras, como Jair Messias Bolsonaro, a crescer em escala de visibilidade nacional.

Sob a égide teológica, moral, nacionalista e pelo imaginário de protetor da nação, é possível entender a ascensão de Bolsonaro ao poder como mote da farsa brasileira. De fato, existem inúmeras peculiaridades entre o antigo episódio francês e a atualidade brasileira. As manifestações reacionárias iniciadas em 2013 até os desdobramentos eleitorais de 2018, a grande massa revoltada, encabeçada pelo lema “O gigante acordou”, de alguma maneira foram peças-chave para o estabelecimento da liderança de Jair Bolsonaro, a qual suplantou a democracia liberal vigente e desencadeou uma nova farsa histórica.

Tal como corrige Hebert Marcuse no prólogo de “O 18 de Brumário” de Luís Bonaparte (MARX, 2011, p. 9), “[a] farsa é mais terrível do que a tragédia à qual ela segue”, pensamento bastante propício à época e que, particularmente, circunscreve os resultados do espetaculoso teatro de Bolsonaro como chefe de Estado. Entre expectativas e realidade imediata, pragmática e concreta, os fatos da gestão bolsonarista, tal como sua postura governamental em relação à Pandemia de COVID-19, deixam bem claros os resultados do retrocesso político, social, moral, científico, além de um *18 de Brumário brasileiro* à moda 1º de abril.

2.3. A ideologia, a moralidade e a anticiência da farsa

Na linha temporal que se estipula de 2018 a 2022 – entre a campanha eleitoral e o fim da gestão governamental de Bolsonaro –, os fatos contraditórios que envolveram promessas políticas e ações pragmáticas foram acentuados – ano a ano – enquanto Bolsonaro ocupou lugar de líder de Estado. Carvalho (2021, p. 39) aponta que, em campanha, Bolsonaro “prometeu utilizar critérios técnicos para nomeações” e “embasamento técnico para tomar suas decisões políticas”, entretanto, ao longo de sua administração – principalmente no primeiro ano – ele evidenciou problemas agudos em manter tal postura.

Em relação à postura anticientífica de Bolsonaro, é pertinente apontar frequentes exonerações de Ministros da Saúde que, de alguma forma, discordaram da agenda política do governo, negligências quanto às pesquisas científicas, compra de medicação não comprovada em massa, flexibilização desautorizada pelo Ministério da Saúde, disseminação de informações deliberadas, tais como pesquisas e estudos não conclusivos sobre medicamentos, e de notícias falsas (*fake news*), as quais se ampliaram exponencialmente no período da pandemia.



De acordo com Terreri (2020), a manobra discursiva de Bolsonaro pode ser entendida em duas grandes instâncias: um juízo moral da doença atrelado a um discurso que culpabiliza a vulnerabilidade, pontos que podem ser explicados por meio da obra *Doença como metáfora*, de Susan Sontag (1978) e por reflexões de Terreri.

Via obras de cultura, Sontag (1978) analisa duas doenças: a tuberculose e o câncer. Para a autora, a imagem metaforizada da tuberculose e da pessoa acometida pela doença esteve, por quase um século, ligada às emoções, aos estilos de vida e às inclinações individuais, ou seja, a doença de um “tipo de gente”; enquanto o câncer, em um patamar que se sobrepõe, configurou-se como a doença da classe média, daquele que é acometido pela predisposição genética e não pelas circunstâncias socioeconômicas.

Para entender como a análise de Sontag (1978) se encaixa no cenário sociopolítico brasileiro, é preciso analisar um ponto relevante: a ideia de doença como castigo, punição, isto é, um preceito que remete a um juízo moral da doença e como ele foi difundido pela cultura ao longo do tempo.

Historicamente, a ideia de doença como um castigo vem sendo difundida desde a Antiguidade Clássica. A título de exemplo, como nas obras *Ilíada* e *Odisseia*, a doença foi retratada em duas perspectivas: gratuita, como fruto da causalidade e merecida; e como castigo divino enviado pelos deuses por transgressões coletivas ou crimes ancestrais. No entanto, foi com o advento do cristianismo que noções mais moralizadoras estreitaram as relações entre doença e vítima, ou seja, para a mitologia cristã, a doença teria uma forte ligação com a punição, com o castigo do ser. Não bastasse a herança de caráter castrador, no século XIX, a doença também recebeu o estigma de reveladora de caráter. A tuberculose, por exemplo, era a doença do miserável, da prostituta, do poeta, do boêmio, do artista etc. (SONTAG, 1978; TERRERI, 2020).

Os pronunciamentos e posturas governamentais de Bolsonaro permitem-nos entrever uma manobra discursiva subjacente a um discurso que culpabiliza a vulnerabilidade e pode ser explicada, nas palavras de Terreri (2020), como “doença de gente fraca”, reforçando a ideia de duas categorias de pessoas: fracos, velhos e inválidos, de um lado; fortes, jovens, ativos e com “histórico de atleta”, de outro.

Sucintamente, a lógica subentendida pela narrativa e pelas ações de Bolsonaro parece ter uma intencionalidade: redimir a culpa ou desresponsabilizá-lo. Isso se deve aos transtornos com os Ministérios da Saúde, das reiteradas trocas de Ministros da Saúde em meio à pandemia, aos estímulos de uso de medicamentos cuja eficácia não foi comprovada cientificamente, à divulgação exacerbada de *fake news*, entre tantos outros episódios retratados nas obras de Ulisses Araújo, os quais fazem da história do Brasil (2019-2022) uma grande farsa *tupiniquim* à moda fascista.

3. Triagem e interesse de pesquisa

A fim de estabelecer o objeto de pesquisa, e partindo do pressuposto de que a teoria linguística deva abraçar o objeto de pesquisa, e não o inverso, busquei delimitar, a princípio, quatro eixos



norteadores como objetivos específicos: (i) selecionar o artefato textual: a charge; (ii) determinar o conteúdo temático: a pandemia de COVID-19 no Brasil; (iii) aliar metáfora e integração conceptual como fenômenos subjacentes à produção de sentidos em gêneros multimodais; e, por fim, (iv) validar a hipótese de que as produções comunicativas – como esferas de um produto que emerge do social, do histórico, do ideológico, do cognitivo – são processadas e sistematizadas em redes de conexões criativas e ilimitadas. Meu objetivo geral, portanto, consiste em analisar de que maneira a Teoria da Integração Conceptual, bem como a Teoria da Metáfora Conceptual Estendida podem apoiar a construção de sentidos nas charges humorísticas multimodais e pictóricas sobre a pandemia de COVID-19.

As charges³ de Ulisses Araújo – ilustrador selecionado para o estudo – são resultado de um trabalho atento, sagaz e sutil de um artista, e até mais, um alquimista que é capaz de transmutar o mundo e forjá-lo via obras de cultura. A matéria-prima, por sua vez, trata-se de 20 charges que retratam os trágicos episódios vivenciados pelo Brasil, à sombra do governo Bolsonaro, a partir do início da pandemia de COVID-19. O material – gentilmente cedido à pesquisa – foi publicado por Ulisses via rede social Instagram, entre os períodos de 05/04/2020 e 22/11/2021. Acrescento também que a escolha do artista, do conteúdo temático e do gênero sucedeu de modo a prestigiar a genialidade de um artista conterrâneo, bem como a explorar a produção de sentidos em artefatos materiais ubíquos disponíveis na *internet*.

3.1. A charge e a problematização do gênero

A charge, como gênero multimodal (alia recursos semióticos verbais e pictóricos), retrata – por meio do humor – acontecimentos políticos e sociais específicos, delimitados no tempo e no espaço. Teixeira e Angelo (2010, p. 96) acrescentam que

[p]odemos dizer que o texto chargístico é caracterizado pelo “exagero” com que são retratados os personagens, cujo recurso visa ao ataque crítico a determinados temas sociais e políticos, ao mesmo tempo em que provoca o riso por meio do humor. Trata-se de uma associação entre o texto verbal e o pictórico.

Essa breve definição de charge permite afirmar que se trata de um gênero imbricado ao cotidiano. Conforme asseveram Lucia e Hocevar (2008), a produção de um texto suscita uma movimentação cooperativa de atividade social e cultural. Logo, ao elaborá-lo, o produtor (chargista) vê-se em constante diálogo com múltiplas vozes que vão surgindo no contexto da situação comunicativa. Desta forma, “é fundamental que ele esteja consciente dos valores compartilhados com seus leitores, de forma a tornar possível a interpretação de um texto” (COSTA et al., 2019, p. 88).

Outro ponto a destacar centra-se na construção dos sentidos do texto, uma vez que ele comporta uma série de implícitos “detectáveis pelo leitor se (e somente se) ele for capaz de ativar determinados conhecimentos” subjacentes à superfície textual (COSTA et al., 2019, p. 89). Assim,

³ As obras de Ulisses Araújo estão disponíveis em: <<https://www.instagram.com/ulisses.araujo.79/>>.

como pontua Kleiman (1992), a construção de sentidos somente será efetiva a partir do momento em que existir engajamento do leitor, o qual precisa ativar uma série de processos cognitivos, e não somente o linguístico, para alcançar a totalidade da mensagem.

Em relação à formação do senso crítico e à relevância sócio-histórica do gênero charge, em depoimento para o TABuol⁴, André Dahmer (2020, s/p.), cartunista carioca, destaca:

É importante, principalmente numa época em que a imagem tem tanta força e as informações são tão sucintas e rasas. Contribuímos para formar opinião. Mas o que muda o mundo não são os cartunistas, são os professores. Sucateados como nunca, nestes tempos.

De acordo com o que André Dahmer afirma, é, sim, em vista de uma época na qual a imagem e a informação tenham tanta força, que seja exatamente a relevância sócio-histórica que torna o gênero e o conteúdo temático deste estudo ainda mais significativos. Essa relevância pauta-se na pandemia de COVID-19, que marca um episódio na história do mundo, sendo particularmente traumático para o Brasil.

Pauta-se igualmente no percurso da pesquisa que envolveu a questão dos direitos autorais. Comumente, a utilização de imagens, vídeos ou quaisquer produções, torna-se um entrave aos pesquisadores. Isso porque a Lei nº 9.610/98 administra os direitos autorais e confere aos autores de direito a proteção patrimonial e moral de suas obras. Isso significa que o material disponibilizado na *internet*, embora seja aberto ao ciberespaço, possui direitos autorais e não deve ser utilizado sem o devido consentimento formal. Tendo tal perspectiva em vista, busquei conexão direta com Ulisses Araújo, artista produtor das obras, para que seu nome artístico, a entrevista a mim concedida, as análises linguísticas de seu material e das imagens das charges fossem por ele formalmente consentidos e tornados públicos nos meios acadêmicos e científicos. Assim, para formalizar a deliberação, adotamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi solicitamente assinado por Ulisses. Infelizmente, nem sempre os pesquisadores da área têm a mesma sorte e enfrentam todo tipo de dificuldade no momento da publicação de seus trabalhos, inclusive incorrendo em custos de direito autoral.

3.2. A mitologia de Ulisses: história, processo criativo e convergência teórica

Nascido em 1960, na cidade de Três Rios, município localizado no interior do estado do Rio de Janeiro, Ulisses José de Araújo é artista gráfico autodidata e trabalha como ilustrador e cartunista há mais de 40 anos. Publicou obras em diversas revistas (*Pasquim 21*, *Veja*, *Sapoconho*, *Speakup*, *Atrevidinha*, *Seleções*, *Coquetel* e *Picolé*), em jornais (*Meia-hora* – Rio de Janeiro; “O caderno Globinho”, *Jornal O Globo*) e em livros (*Dicionário Houaiss Ilustrado*, de Ricardo Cravo Albim; *É mentira, Chico?*, editado por Ziraldo; *A bola da vez*, Coletânea de Charges publicada em Três Rios).

⁴ Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/25/cartuns-em-tempo-de-instagram-como-artistas-tem-encarado-o-ano-de-2020.htm>>.

Ao longo de sua carreira como ilustrador gráfico, Ulisses participou de várias exposições no Brasil e no exterior. Ele recebeu diversos prêmios na área da caricatura pessoal, e entre os eventos dos quais participou nas categorias caricatura e charge estão o Salão de Ouro Preto (1991), o Salão de Humor de Cataguases (1993), o VI Salão Carioca de Humor (1994), a 20ª Bienal Internacional da Caricatura, Itália (1999), o Prêmio “O novo Beethoven”, Petrobras (2020); as Grandes personalidades da Romênia, Bucarest (2022), entre outros.

Ulisses Araújo também participou de Mostras, como “A cara do cinema” (Sesc-Três Rios e Casa França Brasil), “Brazilian Cartoonfestival” (Knokk Heast, Bélgica), “Espaço Cultural Banco do Brasil” (Rio de Janeiro), “Bienal da Caricatura” (Escritores do mundo, Penela/ Portugal), entre outros. Produziu desenhos para Catálogos de Cartum na Bélgica, Turquia, Espanha, Itália, Coreia do Sul, Croácia, Holanda e em Portugal. Ademais, produziu passatempos animados para o programa “TECA na TV” (Canal Futura). Atualmente, Ulisses reside na cidade de Paraíba do Sul-RJ, e trabalha como ilustrador da Revista Infantil *Picolé* (Editora Ediouro).

Em entrevista realizada a outubro de 2022, Ulisses comenta que as motivações e o processo criativo de suas obras partem de uma visão global dos fatos sociais que são transformados em síntese. Sobre o uso de simbologias, Ulisses (2022) comenta:

Eu gosto muito de usar simbologias, tipo o símbolo da doença, no caso da COVID-19. É como se fosse assim “a disseminação de *fake news* é semelhante à doença da COVID”. Antes disso, existem mil informações que vão sendo enxugadas até chegar ao símbolo. [...] Então eu pensei em fazer uma coisa contundente. Na verdade, é uma coisa simples, mas pra chegar a essa simplicidade é difícil. É difícil ser simples.

Fator interessante da fala de Ulisses – a síntese forjada na simbologia contundente – está justamente ligado a uma das teorias fundamentais à pesquisa-objeto deste ensaio: a Integração Conceptual (TIC), proposta por Fauconnier e Turner (2002). Em estudo, Ferrari (2011) acrescenta, inclusive, que a mesclagem pode ser considerada a origem da aptidão humana para inventar constantemente novos sentidos. Por conseguinte, esses sentidos – como teias de significância – caminham ao encontro do corpo social ao qual se destinam e são compreendidos satisfatoriamente por ele (KÖVECSES, 2010).

O que coloco em questão é que os falantes apreendem ideias perceptualmente de forma integrada. Mas como os indivíduos lidam com o problema da ligação (*binding*), a fim de criarem inteligibilidade? Um bom caminho para responder à pergunta é pensar na descompressão, isto é, uma maneira de decompor, desmontar, desagregar as formas, a fim de entender o que há por baixo do *iceberg* da significação.

A fim de nortear o leitor em relação aos fundamentos da teoria, sintetizo que a mesclagem conceptual surge materializada em um esquema de quatro espaços inter cruzados, são eles: *input 1* e *input 2* (são os espaços de informação iniciais) que mantêm relações vitais entre si; *espaço genérico* (mais esquemático, ele agrega informações comuns entre os *inputs* iniciais); e *espaço mescla* (projeta parcialmente elementos dos *inputs* 1 e 2 e cria a *estrutura emergente*). A mescla, portanto, é um engendramento de entradas, saídas e combinações de informações com fins de inteligibilidade.

Ao descrever seus *insights*, Ulisses acrescenta:

Eu tenho uma visão global do que está acontecendo e tento pegar uma síntese. Vou pegando um bolo de informações e vou enxugando através de sínteses. Antes disso, eu pensei em mil coisas, mas ficava confuso. Então, se você for colocar mil coisas, mil elementos – perde – porque a informação tem que ser imediata demais.

O que Ulisses descreve é exatamente o que Fauconnier e Turner (2002) propõem e Evans e Green (2006) também explicam, isto é, o *insight* fundamental da TIC é que a construção do significado tipicamente envolve a integração de uma estrutura que origina mais do que a soma das partes, ou seja, não se trata apenas de reunir dados, é preciso recenseá-los por critérios (contextuais, históricos, ideológicos, geográficos, etc.), para que construam o significado.

Conforme mencionei anteriormente, a compreensão, por sua vez, não ocorre de forma gradual, mas em sensação de percepção instantânea, ou seja, entende-se o total (*insight global*) de uma só vez. Logo, é permitido aprofundar que linguagem e pensamento não sejam estritamente composicionais, e o que surge na estrutura emergente vai além da soma das estruturas de conhecimento. O resultado, ou seja, a criação do significado na mente do indivíduo segue um caminho natural de compressão, descompressão, seleção, perfilação, apuramento e triagem de informações.

Além disso, segundo Ulisses (2022), outro fator interessante do gênero se constitui também na mescla entre o trágico e o cômico. Para o artista, “[a] charge sempre tem um pouco de trágico (tragicômico). Fala sério, mas brincando com as imagens. A vantagem da charge é essa de abranger: ter o fator trágico, mas tratá-lo por meio do humor”.

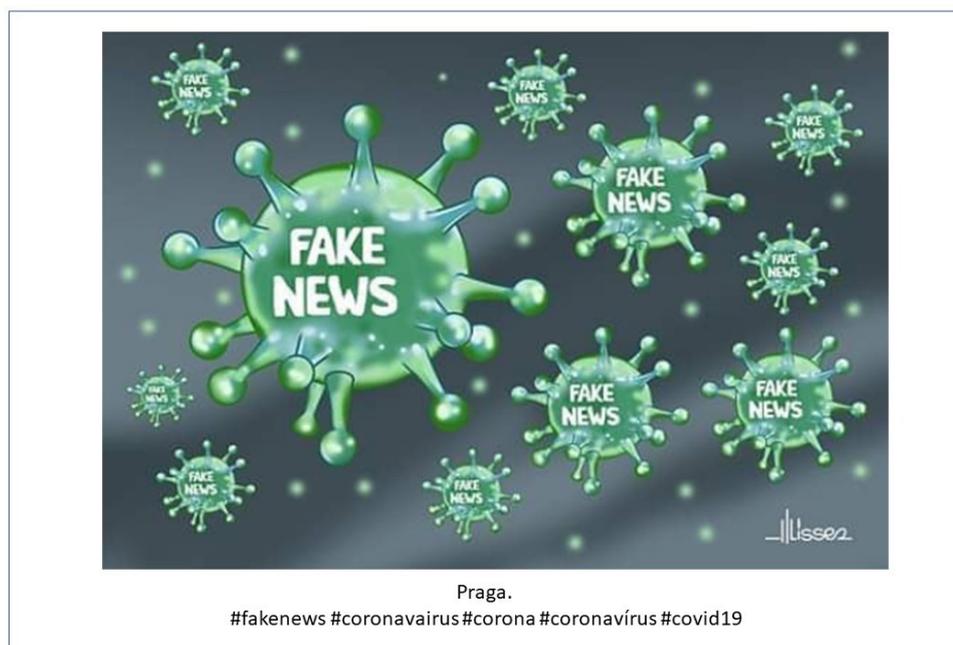
Ademais, neste processamento cognitivo-conceptual – tanto de produção quanto de interpretação – a metáfora⁵ parece-nos essencial para a efetivação das projeções, pois aciona naturalmente informações subjacentes nos domínios cognitivos dos indivíduos, desencadeando sucessivamente novos significados. Isso porque “experenciemos uma boa parte do mundo por meio de metáforas” (LAKOFF; JOHNSON, [1980] 2002, p. 358).

Importante reforçar que as metáforas conceptuais aqui descritas não são verbalizadas na superfície textual, mas, por licenciamento, estão subjacentes a metáforas linguísticas ou a expressões metafóricas – majoritariamente pictóricas – marcadas na atividade verbal (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Para melhor exemplificar a subjacência de metáforas conceptuais – pormenorizadas em níveis –, apresento, na Figura 1, a charge *Praga*, de Ulisses Araújo, publicada no Instagram no dia 5 de abril de 2020:

⁵ Remeto o leitor à Teoria da Metáfora Conceptual Estendida (KÖVECSES, 2020) e outros estudos concernentes, tais como: Kövecses (2010; 2017); Lakoff e Johnson ([1980] 2002); Ferrari (2011) e Forceville (2008; 2017) em que esse e outros conceitos aqui utilizados encontram-se definidos e desenvolvidos em profundidade.

FIGURA 1. Charge Praga



Fonte: Ulisses Araújo (2020).⁶

Segundo Kövecses (2020), as metáforas envolvem simultaneamente quatro unidades conceituais dispostas em níveis de esquematicidade⁷: 1) esquemas imagéticos; 2) domínios-matriz; 3) *frames*; e 4) espaços mentais. Seguindo o autor, friso que a visão da metáfora em níveis aqui defendida não se formata por critérios estanques, mas por um contínuo de níveis sem limites rígidos, nos quais há um sombreamento e uma graduação de acordo com os graus de esquematicidade.

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual Estendida, na charge *Praga*, por exemplo, os veículos *fake news* (alvo) e *coronavírus* (fonte) indexam, na estrutura emergente, a metáfora conceptual IDEIA É OBJETO NO ESPAÇO (em nível de esquemas imagéticos), IDEIA É ORGANISMO (em nível de domínio-matriz), INFORMAÇÃO FALSA É VÍRUS (em nível de *frames*) e, mais especificamente, FAKE NEWS É CORONAVÍRUS (em nível de espaço mental). O que se depreende, neste exemplo, é que a disseminação de *fake news* funciona tal como a disseminação do vírus transmissor da COVID-19.

Visto que estejam sempre relacionadas à noção de perspectiva, as metáforas conceituais subjacentes às charges de Ulisses são, de fato, contundentes, pois marcam a intenção comunicativa do artista e, conseqüentemente, reforçam os desdobramentos ideológicos perfilados por ele, os quais são materializados meticulosamente em artefatos pictóricos e multimodais que contam a história do Brasil em período de pandemia.

A charge é um gênero que funciona bem em redes sociais, visto que – como âncoras materiais – as redes conseguem aliar o contexto cognitivo-conceitual dos interlocutores, tais como

⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-nerW8j6Vw/>>. Acesso em: 04 de abr. 2023.

⁷ Para Langacker (1987, p. 492), a esquematicidade “é a precisão relativa da especificação ao longo de um ou mais parâmetros”.

conhecer o tipo de gênero (objetivos, pretensões, funcionamento, fatores ideológicos e socioculturais), com a conceptualização linguística do artefato em análise, isto é, formam uma aliança entre fatores linguísticos e extralinguísticos.

4. Linguística cognitiva e repertório investigativo

Posto, como demonstrado, que a construção do significado de uma charge se dá a partir do acionamento de outros elementos além do linguístico, insere-se a este estudo a corrente teórica da Linguística Cognitiva (LC) que, desde 1980, vem remodelando o cenário das pesquisas linguísticas e propondo uma abordagem de estudos relacionada à produção de sentidos (FERRARI, 2011).

Historicamente, muitas teorias buscam explicar o funcionamento das línguas naturais como códigos de efetivação da linguagem. A adoção feita aqui pelo escopo teórico da Linguística Cognitiva se deu exatamente por sua plasticidade investigativa, seja por abarcar um conjunto de posições teóricas correlacionadas, seja, principalmente, por seu caráter multidisciplinar, isto é, pela compatibilidade com áreas das Ciências Cognitivas, tais como a Filosofia, a Psicologia e a Antropologia, por exemplo. Neste ensaio, a ampla compatibilidade conceitual da LC permitiu a aproximação com os caminhos da História, da Filosofia e do campo das Artes.

Uma vez que linguagem e pensamento são mais que meras capacidades inerentes ao aparelho biológico humano – fatores naturais que diferenciam seres humanos de animais –, é possível afirmar que tais faculdades se desenvolvem primordialmente por meio de diversos princípios. Isso significa dizer que a capacidade cognitiva dos indivíduos é, predominantemente, “resultado de particularidades do intelecto aliadas às atividades socioculturais, históricas, culturais, ideológicas nas quais a comunicação torna-se a realização concreta da faculdade humana de processar as informações e fazer com que elas produzam significado no mundo” (COSTA, 2019, p. 19).

Assim, contrariamente às concepções teóricas que outrora enxergavam a linguagem como uma “representação engessada, fixa e acabada, ou até mesmo como uma ‘etiqueta’ das coisas”, as bases teóricas da LC emergem à luz do princípio da utilidade, isto é, postulam que língua precisa ser interpretada e concebida em função do uso e da aplicabilidade sociointeracional. Ademais, “é crucial que se cogite que o artefato linguístico conceda significância a todos os aspectos do mundo” (COSTA, 2019, p. 16). Trata-se de uma corrente teórica multifacetada.

Muitos são os linguistas que vêm prestando suporte teórico ao enfrentamento e à superação dos impasses com os quais venho me deparando ao longo da pesquisa. Indagações, tais como “Quais categorias analíticas podem dar conta de explicar o funcionamento de meu objeto de pesquisa? ou “De que maneira posso buscar em domínios afins suplementos para embasar e explicar a construção dos sentidos em meu objeto de estudo?” foram modelando o percurso metodológico.

A solução da primeira indagação, o primeiro passo, portanto, apoiou-se na elaboração de um repertório teórico na LC. Entre as obras elencadas, destaco Lakoff e Johnson ([1980] 2002) que oferecem as primeiras concepções de mente corporificada e de metáforas conceituais; Fillmore

(1982) e a semântica de *frames*; Langacker (1985, 1987) e a noção de *construal* e seus respectivos elementos, bem como a noção de Domínios Cognitivos; Evans e Green (2006) e a Teoria dos Esquemas Imagéticos; Fauconnier (1997) e a Teoria dos Espaços Mentais; Littlemore (2015) e as metonímias conceptuais; Kövecses (2020) e a Teoria da Metáfora Estendida; Fauconnier e Turner (2002) e a Teoria da Integração Conceptual (TIC); Ferrari (2011), que apresenta um panorama geral sobre a Linguística Cognitiva.

A resposta à segunda indagação recrutou fatos históricos, via obras culturais e filosóficas. Busquei em Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) e Karl Marx (2011) subsídios para apresentar a analogia entre tragédias, farsas, fatos históricos e como tais elementos contribuem para o processo analítico; em Terreri (2021), Marx e Engels (2007 [1867]) e Van Dijk (1998), para explicar os desdobramentos do conceito de ideologia; em Enriquez (1999), para determinar as concepções de mito e seus efeitos no inconsciente social; em Barros Filho (2014) e em Lakoff e Johnson (1999), para explicar o conceito de moralidade e os ideais morais compartilhados entre o corpo e o social; em Sontag (1978) para explicar – por meio da metáfora – o estigma da doença na sociedade.

Reitero que, por meio desses diferentes posicionamentos, alternativas e caminhos teórico-metodológicos, a pesquisa vem tomando contornos multidisciplinares que me parecem trazer maior adequabilidade ao entendimento do processo de significação em obras multimodais, com potencial para agregar valor aos estudos linguísticos nessa área de interesse. Parafraseando Guimarães Rosa, ícone da literatura brasileira, ressalto que o percurso da pesquisa acadêmica, muitas vezes, seja sertão. No entanto, é no resultado que se encontram as veredas, pois, tal como afirma Larrosa Bondía, “a experiência é irrepetível”.

A história, os fatos, os recortes temporais, a cultura, os indivíduos envolvidos na interação emergem do estudo como elementos essenciais que completam as lacunas de sentido que o código em si não dá conta de explicar. Do mesmo modo, vêm ao encontro das premissas de um recorte teórico-analítico que se propõe a dialogar com ciências afins.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora declara que não existem conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, C. **O que é moral?** 2014, 2min, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jsjn49FxlJc>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CARVALHO, L. M. L. **Negacionismo instrumental**: as oscilações do governo Bolsonaro entre ciência e anti-ciência. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

CAVA, B. **A terra treme: leituras do Brasil de 2013 a 2016**. São Paulo: AnnaBlume, 2016. p. 11-74. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/574415-o-18-de-brumario-brasileiro>>. Acesso em: 15 outubro 2022.



COSTA, E. G. et al. Linguística textual e ensino de leitura sob a perspectiva Multimodal. **SEDA – Revista de Letras da Rural**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 12, p. 87-101, 2020.

COSTA; E. G. **Construção de sentidos**: proposta didática para uma nova abordagem de metáfora como mecanismo da fala cotidiana. 2019. 124p Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2019.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE. C. Frame Semantics. *In*: Linguistic Society of Korea (ed.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 111-137.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2011.

KÖVECSES, Zoltán. Metáfora, Linguagem e Cultura. **DELTA**. São Paulo, v. 26, n. spe, p. 739-757, 2010.

KÖVECSES, Zoltán. **Extended conceptual metaphor theory**. Cambridge; New York, NY: Cambridge University Press, 2020.

LAKOFF, G. **Philosophy in the flesh: The Embodied. Mind and its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; MARK, J. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Educ, 2002.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LITTLEMORE, J. **Metonymy: Hidden shortcuts in language, thought and communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

LUCIA, N. L.; HOCEVAR, S. O. Cognición, metacognición y escritura. **Revista Signos**. Mendoza, v. 41, p. 231-255, 2008.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Trad. de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

SILVA JUNIOR, M. C.; Mello Neto, G. A. R. Do Caos ao Mito: A Ascensão de um Presidente pela Óptica Psicanalítica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e230891, p. 1-15, 2022.

SONTAG, S. **A Doença como metáfora**. Trad. Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Edições Graal, [1978] 1984.

TEIXEIRA, M. C.; ANGELO, C. M. P. O gênero jornalístico charge no letramento escolar. R. **Língua & Literatura**. v. 12, n. 19, p. 89-107, 2010.



TERRERI, G. **Ideologia**. 2020, 14min, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cowT-CfoegsI>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

VAN DIJK, T. A. Ideologia e análise do discurso. **Diário de Ideologias Políticas**. v. 11, p. 115-140, 2006.